

1 Introdução

A proposta deste trabalho é pesquisar o uso de vocábulos de parentesco (e.g. *tio* ou *filho*) nas línguas japonesa e portuguesa do Brasil, quando utilizados como forma de tratamento em relação a pessoas com quem não se possui o relacionamento denotado, isto é, um uso alargado do vocábulo de parentesco empregado.

Para realizar essa investigação, utilizam-se como arcabouço teórico estudos do Interculturalismo, da Antropologia, da Pragmática e áreas afins, porque em tais áreas se procura compreender o comportamento social linguístico das pessoas indo além da descrição gramatical tradicional em busca do que rege as pessoas dentro de seu meio social, i.e. suas crenças, valores e hábitos. Enfim, nesta dissertação, procura-se olhar para os aspectos daquilo que Milton Bennett (1998) chama de *cultura subjetiva*.

Por essa razão, é possível dizer que se parte de uma concepção de linguagem sociocultural, pois se acredita que a língua em seu uso cotidiano só pode ser compreendida através de sua relação com a cultura circundante, especialmente a subjetiva. Isso faz com que não apenas o próprio conceito de *cultura* se torne essencial para este trabalho, como também a maneira como cada uma das sociedades em foco encara a ideia de *família* seja crucial aqui. Afinal, a percepção de quem é ou não é parente também é culturalmente relativa.

Pelos mesmos motivos, também há uma preocupação em contextualizar ao máximo os dados e em encontrar conceitos que possam esclarecer a ocorrência de cada exemplo como produto da cultura subjetiva de sua sociedade e, portanto, o porquê das diferenças de uso entre uma e outra comparativamente.

Nesse sentido, destacam-se, resumidamente, alguns conceitos e autores mais relevantes para este trabalho. Por exemplo, os conceitos de *casa* e *rua* de Roberto DaMatta (1997; 2004) são dos mais fundamentais para a compreensão da cultura brasileira. Da mesma forma, as palavras-chave e os conceitos universais

(e.g. *proximidade e distanciamento*) descritos por Anna Wierzbicka (1991; 1997) são úteis na investigação de ambas as culturas – assim como os autores consultados sobre sociedades verticais. Por fim, também há as observações de Tae Suzuki (1995) sobre aspectos do tratamento na língua japonesa.

1.1 Por que e para que pesquisar os vocábulos de parentesco

O fato de as situações em que se usa *tia* ou *meu irmão* no Brasil e no Japão diferir e a potencial confusão que surge para um aprendiz de uma ou outra língua faz crer que as formas de tratamento de parentesco são um tema digno de pesquisa mais aprofundada, porque não apenas o uso inadequado da língua é sempre motivo de mal-estar e, às vezes, fonte de preconceitos contra estrangeiros, como também porque, para que se aprenda realmente uma segunda língua, é essencial saber seus *comos e quandos*.

Além disso, consultas a gramáticas de língua materna¹ se mostram infrutíferas nesse tocante e, embora haja alguns trabalhos voltados para temas próximos, ficou clara uma insuficiência de estudos com relação a formas de tratamento, vocativos e apelativos em geral – o que é natural a todo campo de pesquisa novo (ainda que em expansão) como o de descrição de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E).

Quando se estuda língua materna nas escolas, o foco costuma ser na descrição gramatical desta por motivos bastante naturais: em geral, já se sabe desde criança a maneira adequada de se usar a própria língua, sendo necessários apenas esclarecimentos sobre a norma padrão etc.

Para estudantes de uma segunda língua, contudo, a compreensão de como se utiliza cotidianamente a gramática e o léxico é um grande desafio. Como afirma Rosa Marina de Brito Meyer (2002, p. 1):

Minha experiência no ensino e pesquisa do português como língua estrangeira na PUC-Rio – experiência esta que hoje soma já 30 anos – levou-me à certeza de que é muito **mais fácil** levar um falante de inglês a **usar corretamente as estruturas morfossintáticas** do português **do que** a perceber com clareza determinadas **sutilezas do comportamento social linguístico** do brasileiro. (Grifos nossos).

¹ Cf. a definição de língua materna e segunda língua na seção 2.1 do capítulo seguinte.

Acredita-se, todavia, que as palavras de Meyer podem ser generalizadas para falantes de outras línguas além do inglês, pois aprender uma língua estrangeira é mais do que aprender apenas estruturas e palavras novas. Para aqueles que têm a língua portuguesa como L2, compreender como, quando e por que se viria a atribuir um grau de parentesco a “pessoas estranhas” é uma questão difícil e, muitas vezes, importante para quem vivencia o dia a dia no Brasil. Esse tipo de uso, porém, não costuma ser explicado seja em gramáticas descritivas de L1 ou PL2E, razão pela qual é preciso apelar para outros campos dos estudos da linguagem.

Enfim, espera-se que esta pesquisa possa vir a beneficiar estudantes e profissionais da área no futuro, seja em trabalhos de descrição do uso da língua portuguesa, seja na compreensão de aspectos da língua e cultura japonesas, ou ainda na criação de material de apoio para o ensino de PL2E.

1.2 Objetos e objetivos

Esta dissertação tem como objetos de estudo apenas os vocábulos de parentesco, isto é, palavras da língua específicas para denominar relações familiares, quando empregados fora de tal relação. Dessa forma, analisam-se aqui os vocábulos: *avô, esposo, filho, irmão, neto, pai, tio*, suas respectivas formas femininas e variantes.

Um objetivo, então, é descrever de que maneira são utilizados esses vocábulos de parentesco como forma de tratamento nas culturas brasileira e japonesa, ou seja, tenta-se explicitar em que contexto e quais os fatores socioculturais influenciam o locutor no momento de escolher qual forma linguística utilizar.

Além disso, também há o objetivo comparar o uso desses termos no Brasil e no Japão a fim de saber se os vocábulos de parentesco utilizados nesse sentido alargado são os mesmos nessas duas culturas e, quando sim, em quais aspectos seu uso coincide e em quais difere.

Para atingir esses objetivos, coletam-se exemplos de uso dos vocábulos de parentesco em revistas de história em quadrinhos nacionais e japonesas, uma vez que as situações descritas em quadrinhos – inclusive por obediência ao princípio literário da verossimilhança – não se distanciam muito da realidade. Além disso,

opta-se aqui por uma pesquisa qualitativa, pois corpora muito extensos seriam necessários para que se pudessem fazer afirmações com respeito à frequência de uso de cada termo.

1.3 Organização do trabalho

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, o primeiro dos quais é esta introdução. O segundo capítulo abrange tanto os pressupostos teóricos que orientam esta pesquisa, quanto a metodologia pela qual ela é conduzida. O terceiro capítulo contém a análise dos dados individualmente em cada língua e também a comparação entre português e japonês. O quarto e último capítulo apresenta as considerações finais sobre o trabalho.

Em seguida, listam-se as referências bibliográficas tanto das revistas utilizadas para constituição dos corpora, quanto dos textos consultados para fundamentação teórica.

Além disso, há também, ao final, dois anexos nos quais podem ser vistos os trechos dos quadrinhos de que são retirados os exemplos que constituem os corpora. Note-se que os quadrinhos japoneses, que aparecem traduzidos na análise do capítulo terceiro, encontram-se no original em japonês no anexo.